PROJETO DE LEI Nº 739/13

Denomina *Deoscóredes Maximiliano dos Santos* (Mestre Didi) um logradouro público existente na cidade de Salvador.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

DECRETA:

Art. 1º - Passa a denominar-se *Deoscóredes Maximiliano dos Santos* (Mestre Didi), um dos logradouros públicos existentes na cidade de Salvador.

Art. 2º - As despesas decorrentes da presente Lei correrão por conta da verba própria do orçamento vigente.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Sala das Sessões, 7 de outubro de 2013.
TOINHO CAROLINO

JUSTIFICATIVA

Morreu aos 95 anos, em Salvador, o artista plástico, líder religioso e escritor baiano, representante da cultura africana, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, conhecido como "Mestre Didi". Sua trajetória e obra são consideradas recriações da herança africana no Brasil.

O corpo do artista, nascido em 2 de dezembro de 1917, foi sepultado na tarde deste domingo (7/10/2013), na capital baiana.

Além de escultor, Mestre Didi também era conhecido por liderar a comunidade espiritual nagô. Ele era filho de Maria Bibiana do Espírito Santo, também chamada de Mãe Senhora, uma das principais iyalorixás do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, de Salvador.

Mestre Didi não costumava falar sobre sua obra, nem sobre si próprio. Ele chegou a expor em Gana, Senegal, Inglaterra e França, além do Museu Guggenheim, em Nova York. No Brasil, ganhou reconhecimento após a 23ª Bienal de São Paulo, em 1996, quando recebeu uma sala apenas para suas obras.

Pela UNESCO, realizou pesquisas comparativas entre Brasil e África e, em 1980, fundou a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá, do culto aos ancestrais Eguns, em Salvador.

Mestre Didi criou esculturas que representavam os Deuses e Orixás do Candomblé e, com sua obra sacra singular, ganhou expressão internacional. Ele é considerado um dos principais artistas brasileiros e se utilizava da estética e de elementos da cultura afro-brasileira.

Podemos citar algumas obras que ficarão para sempre registradas:
Yorubá tal Qual se Fala, Tipografia Moderna, Bahia, 1950;
Contos Negros da Bahia, (Brasil) Edições GRD, Rio de Janeiro, 1961;
História de Um Terreiro Nagô, 1. edição, Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1962, 2.edição, Editora Max Limonad, 1988;
Xangô, el guerrero conquistador y outros cuentos de Bahia, SD. Ediciones Silva Diaz, Buenos Aires, Argentina, 1987; *Contes noirs de Bahia*, tradução francesa de Lyne Stone, Ed. Karthale, 1987.

Podemos citar, ainda, trechos de entrevistas que marcaram o caminhar da sua trajetória como mestre, escritor, escultor e sacerdote:

"Mestre Didi é um sacerdote-artista. Exprime-se, através da criação estética, uma arraigada intimidade com seu universo existencial, onde ancestralidade e visão de mundo africano se fundem com sua experiência de vida baiana. Completamente integrado ao universo Nagô de origem Yorubana, revela em suas obras uma inspiração mítica, material. A linguagem Nagô, com a qual se expressa, é o discurso sobre a experiência do sagrado, que se manifesta por meio de uma simbologia formal de caráter estético", disse Juana Elbein dos Santos

"É uma perda imensa para a Bahia. Mestre Didi é uma figura notável. Sua arte sacra, que retrata a religião do Candomblé, tem um papel religioso importantíssimo, e sua presença artística é reconhecida no Brasil e fora do Brasil. Ele é um escultor extremamente conhecido no mundo inteiro", ressaltou o secretário de Cultura da Bahia, Albino Rubim.

"Estive com o Mestre Didi há três dias, ele estava acamado. Ele foi um personagem importante na Bahia, um catalisador do culto aos ancestrais, sendo filho de uma das maiores iyalorixás da Bahia, a Mãe Senhora. Era um homem de grande interesse nesse universo afro-brasileiro. Foi um homem extraordinário. É uma perda irreparável, porque, sem ele, a religião afro-brasileira fica mais empobrecida. Como artista, ele foi muito longe, participou até da mostra *"Magiciens de la Terre"*, no Pompidou. Ele

ganhou prestígio nacional com suas obras. Temos 40 obras dele no acervo do Museu Afro Brasil e pretendo fazer uma grande mostra em homenagem a ele. Ele foi o princípio de uma nova linguagem brasileira com profundas raízes africanas", disse Emanoel Araujo, diretor do Museu Afro Brasil.

Mestre Didi era casado com a antropóloga Juana Elbein dos Santos, que o definia como um "sacerdote-artista", expressando, por meio da arte, sua cultura intimamente ligada às tradições africanas. Deixa a filha, a cantora Inaicyra Falcão dos Santos.

Quanto ao seu sacerdócio, podemos dizer que deu início seguindo as tradições do povo negro que escolheu a igreja ainda durante o período colonial. E logo após a libertação dos escravos, no período pós-colonial foi a instituição que a comunidade descendente de africanos inseriu em suas estratégias de luta pela alforria e reagrupamento social.

Didi foi batizado, fez primeira comunhão e foi coroinha. Mais tarde, já sacerdote da tradição afro-brasileira, foi se dedicando inteiramente a ela afastando-se do catolicismo, embora o respeitando como outra religião. Eugenia Ana dos Santos – Mãe Aninha, tratada por Didi como avó –, foi quem o iniciou no culto aos Orixás e lhe deu o título de Assogba, Supremo Sacerdote do Culto de Obaluaiyê.

Arsenio Ferreira dos Santos era sobrinho de Marcos Theodoro Pimentel, o Alapini, primeiro mestre de Didi no Culto aos Egungun, os ancestrais masculinos, tradição originária de Oyo, capital do império Yoruba.

Depois de Marcos, foi Arsenio, conhecido por *Paizinho* quem deu continuidade a iniciação de Didi, que se confirmou Ojé com o título de KorikoweOlokotun. A herança de tio Marcos Alapini se constitui, sobretudo, pelo culto ao OloriEgun, Baba Olukotun, o mais antigo ancestral que foi trazido da África na ocasião da viagem que fez com seu pai, Marcos *O Velho*. Paizinho, então Alagbá, o mais antigo da tradição aos Egungun, recebeu esta herança que aproximou à do terreiro Ilê Agboulá, na Ilha de Itaparica.

A herança de Marcos Alapini para seu sobrinho Arsenio Alagba, passou para Didi, OjéKorikoweOlukotun. Mais tarde Didi recebeu o título de Alapini, o mais alto do Culto aos Egungun, no Ilê Agboula e, anos depois, em 1980, fundou o *Ilê Asipa* onde é cultuado o Baba Olukotun e demais Eguns desta tradição antiga.

Em setembro de 1970, não tendo no Brasil quem pudesse fazer sua confirmação de *Balé Xangô,* foi para Oyo e realizou a obrigação na cidade originária do culto à Xangô. A cerimônia foi realizada pelo Balé Sàngó e o Otun Balé do reino de Xangô de Oyo.

Durante o sepultamento, integrantes de terreiros de Candomblé de Salvador e região metropolitana prestaram homenagens. Muitos dos amigos presentes foram do Terreiro Ilê Axipá, fundado em 1980 pelo próprio Mestre Didi.
Por tudo isso ora exposto, apelo para a sensibilidade, respeito e consideração dos meus nobres pares para aprovação do Presente Projeto de Lei.

Sala das Sessões, 7 de outubro de 2013.
TOINHO CAROLINO